



**AJURIS**

Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul

# CADERNO DE LITERATURA

JUNHO 1999 Nº 5

Projeto  
*DivulgaArte*



A sociedade e o juiz .....	2
Editorial .....	3
Correio .....	4
<b>ARTIGOS</b>	
<b>Alphonsus de Guimaraens, juiz</b>	
Alphonsus de Guimaraens Filho .....	5
<b>A memória do coração</b> - Jorge Adelar Finatto .....	6
<b>A trajetória poética de Heitor Saldanha</b>	
Wilson Chagas .....	8
<b>Amistad ou O Governo dos Tribunais</b>	
Luiz Lúcio Merg .....	10
<b>NARRATIVAS</b>	
<b>Depois dos amigos mortos</b> - Afif Simões Neto ..	12
<b>É tarde, é muito tarde</b> - Fernando Rosa Grassi ..	12
<b>Um riacho dentro do peito</b> - Fábio Heerdt .....	13
<b>Depois a gente vê</b> - José Carlos Laitano .....	14
<b>Boa memória</b> - Osvaldo Moacir Alvarez .....	16
<b>POEMAS</b>	
<b>Formigas e abelhas</b>	
Maria Joaquina Carburnck Schissi .....	17
<b>Panorama</b> - Irineu Mariani .....	17
<b>Quando me olhas</b> - Marise Moreira Bortowski ..	18
<b>Amor e poesia</b> - José Nedel .....	18
<b>Liberdade</b> - Manoel Celeste dos Santos .....	19
<b>Vagueando, ondeando...</b> - Jane Fischmann ..	20
<b>Dois tempos</b> - Ítalo Pagano Cauduro Júnior .....	21
<b>A busca do tempo anterior</b>	
Ilton Carlos Dellandréa .....	22
<b>Milonga para Vasco Prado</b>	
Luiz Coronel .....	23
<b>O pequeno nadador</b>	
Carlos Saldanha Legendre .....	contracapa

## EXPEDIENTE

**Presidente da AJURIS:**

Antonio Guilherme Tanger Jardim

**Vice-Presidente Cultural:**

Breno Moreira Mussi

**Diretor do Departamento de Cultura:**

José Carlos Laitano

**Diretor do Caderno de Literatura:**

Jorge Adelar Finatto

**Digitação e diagramação:** Editora Alcance Ltda.

(051) 311.0640 ou 311.1075

E-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Site: www.editoraalcance.com.br

**Jornalista responsável:**

Rossyr Berny. Registro profissional nº 4747

**Projeto gráfico:** Sérgio Ribeiro Rosa**Revisão:** Irene Katter Hack Tavares (Professora de Português e Bacharela em Direito).**AJURIS: Rua Celeste Gobbato, 229 - 5º andar.****90110-160. Porto Alegre/RS.****Fone (051) 211.5177. Fax 224.6844**E-mail: [ajuris@ajuris.org.br](mailto:ajuris@ajuris.org.br)**Tiragem:** 17.000 exemplares - **Distribuição gratuita**

## A Sociedade e o Juiz

O tempo é de angústia e de indignação para os juízes brasileiros que, via irresponsáveis generalizações, são ofendidos em seu bem mais precioso: a honra. Indignação pela injustiça dos ataques indiscriminados e angústia pela impossibilidade de uma defesa pública à altura das agressões veiculadas à larga pela mídia.

Talvez, se os magistrados não tivessem sido formados debaixo do princípio de que “juiz só fala nos autos” e se, ao contrário, tivessem sido treinados para se comunicarem com a sociedade, ela, destinatária de nosso cotidiano e hercúleo esforço, teria, agora, ciência e consciência de nosso valor e da indispensabilidade de um judiciário forte e independente para preservação da Democracia. Talvez, assim, sequer houvesse espaço para a ação dos irresponsáveis de hoje.

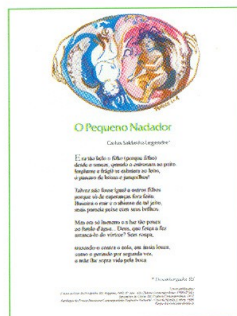
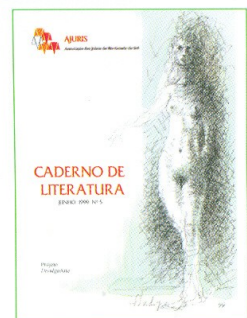
Pois este *Caderno de Literatura* é uma forma de abrir, através da arte e da cultura, canal de comunicação entre juízes e sociedade, e vem mostrando sinais evidentes de eficiência.

Aos colaboradores, obrigado e, a ele, *Caderno*, vida longa, muito longa!

**Antonio Guilherme Tanger Jardim**  
*Presidente da AJURIS*

**Nossa capa:** Arte de Xico Stockinger, que gentilmente se une aos amigos e colaboradores do Caderno de Literatura, produzindo essa bela obra.

A AJURIS manifesta sua homenagem ao extraordinário artista, que em agosto completará oitenta anos de vida. Francisco Alexandre Stockinger nasceu em Traun, na Áustria, em 07 de agosto de 1919, vindo para o Brasil em 1921. Trabalhou no estúdio de Bruno Giorgi de 1947 a 1950. Realizou mais de 40 exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Em 1994, recebeu o título de Cidadão Honorário de Porto Alegre. Entre as inúmeras distinções que lhe foram concedidas, está o Prêmio Ministério da Cultura em 1997.



**Contracapa:** Trabalho de Paulo Porcella, que também nos honra com sua participação, ilustrando poema de Carlos Saldanha Legendre. Graduado em Artes Plásticas pela UFRGS, desenvolve sua atividade profissional desde 1962, com várias exposições em nosso País e no estrangeiro. Obteve diversos prêmios, sendo artista homenageado no V Salão de Pintura de Porto Alegre e representante do Brasil no Projeto "Murales de Montevideo".



**A**inda há tempo para a delicadeza.

É possível reconstruir com palavras as mutiladas esculturas da esperança. Atravessamos com o verbo o rigoroso nevoeiro.

A criação revela-nos a luz amiga. Região de silêncio onde se podem recolher as ferramentas e olhar o rio que passa. Já não andamos tão sós.

O *Caderno de Literatura*, ao lado de dar a conhecer a produção dos magistrados, acolhe com entusiasmo a colaboração de importantes escritores, intelectuais e artistas, participando do esforço de reflexão e divulgação da cultura brasileira.

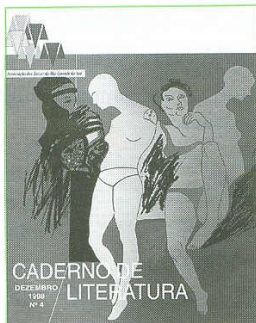
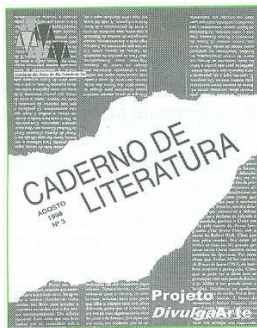
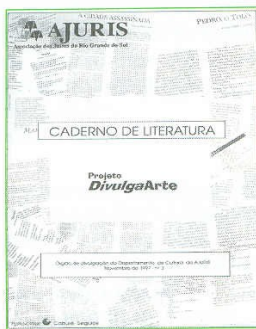
Nesta edição, além dos trabalhos dos juízes, temos as presenças ilustres, como convidados, de Alphonsus de Guimaraens Filho, Xico Stockinger, Paulo Porcella e Luiz Coronel.

A revista não é vendida, e todas as colaborações são feitas a título gratuito. É distribuída para escolas, universidades, agentes e entidades culturais de diversos Estados. E, pela primeira vez, está sendo encaminhada aos magistrados de todo o País.

A AJURIS agradece as numerosas manifestações dos leitores e críticos. Demonstram, para nossa alegria, que a publicação cumpre a função de estreitar os laços entre a magistratura e a comunidade.

Abraços e bom *Caderno* a todos.

**Jorge Adelar Finatto**  
Diretor



@ Acuso o recebimento e agradeço a atenção pelo envio do quarto número do *Caderno de Literatura*, do Projeto *DivulgaArte*. Aproveito a oportunidade para enviar as minhas cordiais saudações.

**Francisco Weffort — Ministro da Cultura**

@ Cabe, inicialmente, louvar a iniciativa da AJURIS que, sob a direção do poeta e magistrado Jorge Adelar Finatto, vem desenvolvendo um trabalho sério e conseqüente no sentido de divulgar a produção literária de seus associados. O caráter inovador dessa iniciativa alegre e tranqüiliza a todos nós, profissionais de Letras, que acreditamos na força transformadora da palavra e no caráter reflexivo da literatura: A produção literária de alguns dos nossos mais ilustres magistrados confirma a convicção de que a literatura exerce um papel social extremamente importante que é, como enfatizou Antônio Cândido, o de revelar ao homem o seu lado mais humano.

Embora assinala a qualidade do fascículo e a oportunidade de sua publicação, o objeto desta apreciação literária constitui-se dos textos que compõem o volume. Há, dentre seus autores, alguns nomes já bastante conhecidos na área de Letras. Além de seu idealizador, o poeta e Juiz de Direito Jorge Adelar Finatto, colabora, neste último número, o crítico literário e Juiz de Direito Wilson Chagas, cujos ensaios críticos são de referência obrigatória nos meios intelectuais do Estado. Além disso, foi uma grata satisfação encontrar um poema de Carlos Saldanha Legendre, um dos primeiros poetas sul-rio-grandenses a participar dos projetos literários promovidos pelo Instituto Estadual do Livro, nos anos setenta. Como se depreende do conjunto, o volume publicado não se limita a dar voz aos juízes escritores, mas privilegia, dentre esses, os que melhor representam a literatura gaúcha neste final de século e de milênio.

No tocante aos textos, em geral, impressiona ao leitor crítico a consciência do dever social dos magistrados, que se articula na forma literária. (...) No jogo verbal do poema, os juízes-poetas dão prosseguimento a formas tradicionais de poesia, ou buscam expressar-se através de novas articulações formais. Para eles, o poema assegura, antes de tudo, o direito à manifestação de uma sensibilidade não raro submetida aos rigores de uma profissão que é, em síntese, o exercício permanente da reflexão solitária.

**Léa Masina**  
Chefe do Setor de Teoria  
Literária da UFRGS

@ Mais uma vez levo minhas congratulações à AJURIS pelo belíssimo trabalho apresentado.

Recebi um exemplar do *Caderno de Literatura* e fiquei muito impressionado com a qualidade da publicação. Parabéns!

**Manoel Carpena Amorim**  
Diretor Geral da Escola da Magistratura  
do Estado do Rio de Janeiro

@ Honrado em receber os n°s 2, 3 e 4 do *Caderno de Literatura* da AJURIS, apresento à entidade minhas efusivas congratulações pela iniciativa de oferecer um canal à produção literária dos magistrados gaúchos.

Agente do Ministério Público aposentado, muito me valeu o convívio agradável com juízes como Wilson Alves Chagas, Nataniel Marques Guimarães e outros, cujos textos agora encontro nas páginas do *Caderno*. Carlos Saldanha Legendre enriquece-o com sua criativa poesia, e Afif Simões Neto (que não tenho o prazer de conhecer pessoalmente) prova-me que a linhagem dos Simões continua a produzir bons frutos.

**Sérgio da Costa Franco**

@ Vimos agradecer o envio do quarto número do *Caderno de Literatura*, do Projeto *DivulgaArte*, que seguramente se constitui num espaço de divulgação artística para os Magistrados.

Na oportunidade, solicitamos a continuidade da respectiva remessa.

**Ernani Barreira Porto**  
Presidente da Associação  
Cearense de Magistrados

@ A AMATRA II (São Paulo), por sua presidente, agradece o envio do *Caderno de Literatura* que irá enriquecer sua biblioteca.

Atenciosamente,

**Lizete Belido Barreto Rocha**  
Presidente da Associação dos Magistrados da  
Justiça do Trabalho da 2ª Região

@ Tenho a grata satisfação de acusar o recebimento do *Caderno de Literatura*, do Projeto *DivulgaArte*, n° 04, de dezembro de 1998, que engrandeceu enormemente a biblioteca desta Associação.

**Bernardino Lima Luz**  
Presidente da Associação dos  
Magistrados do Estado do Tocantins

@ Cumprimentando-o, acuso recebimento do *Caderno de Literatura* do Projeto *DivulgaArte*, ao tempo em que agradeço a V. Exa. pela gentileza.

Comunico, ainda, ao nobre colega, que foi feita a devida divulgação a todos os nossos associados.

**Joaquim Dias de Santana Filho**  
Pres. Assoc. dos Magistrados Piauienses

@ É com grata satisfação que acuso recebimento do quarto número do *Caderno de Literatura*, Projeto *DivulgaArte*, que gentilmente a nós foi remetido.

Significativa atenção motiva-me apresentar-lhe agradecimentos pela deferência, remessa de mais uma importante contribuição cultural, editada por essa prestigiosa Associação.

**Luiz Carlos Levenzon**  
Presidente da OAB Seccional do RS

@ Pelo presente, agradecemos por nos haver contemplado com um exemplar do quarto número do *Caderno de Literatura*, do Projeto *DivulgaArte*, transmitindo-lhe nossos cumprimentos e votos de sucesso com a continuidade dessa obra.

**Gilberto Augusto Corrêa Gondim**  
Presidente da Associação dos  
Magistrados do Estado de Pernambuco

@ É com satisfação que o cumprimento pela qualidade do *Caderno de Literatura* n° 4, bem como saúdo sua iniciativa de iniciar um diálogo mais efetivo com esta Casa.

**Maria Cristina Leandro Ferreira**  
Diretora do Instituto de Letras da UFRGS

@ Quero agradecer-lhe a gentileza de me enviar o *Caderno de Literatura*, dezembro de 1998, n° 4, da prestigiosa Associação dos Juízes do Rio Grande do Sul.

Li com interesse todo o seu conteúdo, que bem demonstra o apreço dos magistrados pelas letras, que cultivam de maneira vivaz em seus gêneros principais, especialmente na poesia.

**Alphonsus de Guimaraens Filho**

@ Idéia magnífica, pois, além de ser mais um veículo de comunicação erudita no Estado, estende-se pelo País, divulgando o talento e a sensibilidade dos membros da AJURIS.

Parabenizando os colaboradores do *Caderno de Literatura*, o sincero abraço.

**Patrícia Bins**

@ Agradeço-lhe pela gentileza de enviar-me o 4° número do *Caderno de Literatura* da AJURIS. A poesia é uma tênue linha entre a realidade e os sonhos e nos torna mais sensíveis e menos pragmáticos.

**Elpídio Donizetti Nunes**  
Presidente da Associação  
dos Magistrados Mineiros

## Alphonsus de Guimaraens, juiz

Alphonsus de Guimaraens Filho \*

Quem examina a obra poética que Alphonsus de Guimaraens escreveu, das mais nobres e mais altas da literatura brasileira, se detém surpreso diante das condições em que ele a compôs. É como assinala o admirável e saudoso José Guilherme Merquior em sua *Breve História da Literatura Brasileira*: “deu trinta anos à destilação paciente de uma poesia sem desníveis — e das mais puras que tem tido nossa lírica”.

E, nesses trinta anos, ele, que morreu cedo, aos 51 anos, soube conciliar a sua vocação incoercível com outra: a de juiz. Isso sem esquecer o *pater familias* que foi, o admirado esposo, homem dos mais belos sentimentos.

Alphonsus de Guimaraens, a partir de 1895, quando completava 25 anos, mergulhou para sempre em cidades do interior mineiro. Foi para Conceição do Serro, hoje Conceição do Mato Dentro, e ali permaneceu daquele ano até 1906. Logo se tornou conhecido como o “doutor poeta”. Ali escreveria um dos seus livros marcantes e na verdade único em nossa literatura: o **Setenário das Dores de Nossa Senhora**. Fez-se, com esse e com outros poemas posteriores, o maior poeta mariano brasileiro e talvez da literatura portuguesa.

Não foi fácil para ele o exercício da magistratura. Juiz foi a vida inteira e em Conceição do Serro não lhe faltaram contrariedades, numa cidade de vida política tensa. Foi atingido mesmo pelas “guerras da política municipal” e, sem apoio político para

permanecer na cidade sertaneja, foi nomeado juiz municipal de Mariana, em 11 de fevereiro de 1906. Já então tinha cinco filhos, ele que viria a ter quinze.

A luta como juiz humano e incorruptível se fez presente também na cidade em que permaneceria nada menos de longos quinze anos e nela faleceria em 15 de julho de 1921, ele que nascera em Ouro Preto em 24 de julho de 1870. Tamanha a sua solidão que, como intelectual, acabou ficando na literatura como o *Solitário de Mariana*.

Juiz que estudava minuciosamente os processos no escritório do sobrado à Rua Direita, prédio hoje transformado em “Museu Casa Alphonsus de Guimaraens”, foi sobretudo dedicado às tarefas por vezes delicadas e difíceis de julgar e ser absolutamente justo.

Há um episódio que define o homem e sobretudo o juiz que foi Alphonsus de Guimaraens. Em 1953, durante a solenidade inauguratória do mausoléu do Poeta no Cemitério de Sant’Ana, muito se falou da sua capacidade de conciliar um real por vezes duro com as solicitações profundas da poesia. Baudelaire disse num dos seus poemas que sairia muito satisfeito de um mundo onde a ação não pode ser irmã do sonho. Alphonsus soube unir harmonicamente a ação e o sonho.

E que juiz não foi, em longos anos! Nesse ano de 1953, eu passava pela

Rua Direita quando alguém me chamou à porta de um bar. É como eu descrevo em *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*, livro publicado em 1995: “Sabia que era teu filho e queria me fazer uma revelação. E se apresentou: era o proprietário. Quando moço, disse, dado à ingestão imoderada de determinados líquidos, cometera uma tentativa de morte. Levado a julgamento, em sessão por ti presidida, fora absolvido. Vira-te então, o juiz, descer da cadeira, aproximar-se, pô-lhe a mão no ombro, aconselhar-lhe que mudasse de vida, se encaminhasse a uma profissão. Nunca mais retornou à boêmia. — ‘Devo o que sou a seu pai’, frisou, e esse fato, a exemplo de muitos outros, demonstra como homem e artista se conciliaram em ti”.

Como filho, comove-me a homenagem da Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul ao juiz que foi meu pai. A Associação dos Magistrados Brasileiros, reunindo todos do País, realizou o admirável concurso literário em andamento e que tem como patrono o Juiz Alphonsus de Guimaraens.

É com viva alegria que colaboro no *Caderno de Literatura* da Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul, em que tenho vários amigos. Devem-se a ela os primeiros e decisivos passos para a homenagem nacional ao juiz que foi meu pai. E isso muito me comove e sensibiliza.

\* *Escritor e Subprocurador Geral do Tribunal de Contas da União, aposentado.*

## A memória do coração

Jorge Adelar Finatto \*

**E**ntrevistar o grande poeta e cronista brasileiro deste século não era algo fácil. Havia a distância entre Porto Alegre e Rio de Janeiro, dificultando o contato. De resto, não queria tirar do sossego o bardo de Itabira, que contava então mais de oitenta anos. Eu reunia material para o livro que estava escrevendo sobre o escritor porto-alegrense Álvaro Moreyra. O ano era 1985.

Escolhi um caminho que considerava pouco plausível para encontrar o poeta: a comunicação via telefone. Alguém me passou a informação preciosa: Carlos Drummond de Andrade, número tal. Raro habitante da rua Conselheiro Lafayette, em Copacabana.

Ao fazer a ligação, imaginava enfrentar senhas inacessíveis, insuperáveis interlocutores. No entanto, para meu espanto, na primeira tentativa, o próprio Drummond atendeu o telefone. A conversa que se seguiu foi cordial e atenciosa.

Enviei-lhe, mais tarde, o exemplar do livro. Algum tempo depois, veio a carta, que agora é publicada. Em memória do autor e ante a importância do documento, penso que é tempo de retirá-la da gaveta.

Não será demais lembrar que Álvaro Moreyra foi, entre os escritores brasileiros, aquele que mais influenciou a formação do genial criador mineiro, que afirmou:

*“Entre os modelos nacionais que se ofereciam ao aprendiz de literatura, este marcou mais do que todos. As primeiras adorações intelectuais manifestam-se pela imitação, e parecia fácil imitar os flagrantes, as anotações mínimas, de cenas e estados de espírito, a atitude graciosa e descomprometida de Álvaro Moreyra. Não que eu o pretendesse conscientemente, mas deslizava nesse rumo como aquele frade que ouviu cantar o passarinho e se deixou levar na esteira de sua voz ” (in Cadeira de Balanço, p.131, Livraria José Olympio Editora, 1976).*

Do episódio guardei a lição de simplicidade e generosidade intelectual.

Pura emoção que me acompanha.

\* Juiz de Direito — Porto Alegre  
e-mail: [jfinatto@zaz.com.br](mailto:jfinatto@zaz.com.br)

Rio de Janeiro, 17 de dezembro, 1985.

Prezado Adelar Fruatto:

você me proporcionou uma grande emoção,  
oferecendo-me o seu livro sobre Álvaro Moreira.  
Trata-se de um escrito e de um autor que  
me inspira uma grande saudade. Tenho-o na  
memória do coração. O seu trabalho rende  
justiça ao Álvaro e tem o mérito de  
lembrá-lo às novas gerações.

Com abraço, reconhecimento e os votos de  
feliz natal, de

Carlos Drummond de Andrade

## A trajetória poética de Heitor Saldanha

Wilson Chagas \*

*“No mundo vegetal, o poeta se encontra com a parte enterrada, escondida, longe da luz. A sensibilidade do artista permanece nas ‘galerias escuras’, que, apesar de ser o título de um de seus livros, reaparece como ideário nas outras obras”.*

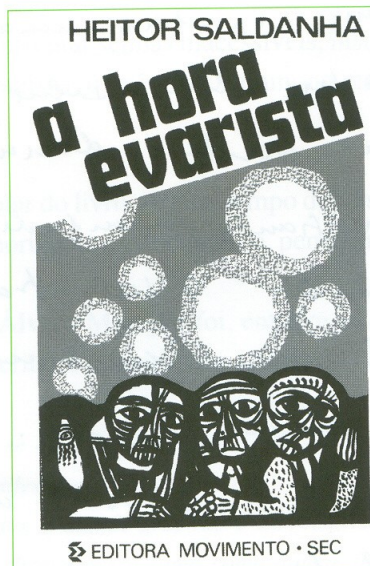
(Rosângela Benati)

A poesia, fazendo do poeta um ser de exceção, reduplicados nele os sofrimentos, as dores do mundo... Eis o mito romântico da poesia, que vamos reencontrar em Heitor Saldanha, poeta gaúcho integrante do *Grupo Quixote*, que estreou em livro em 1951, com *A Outra Viagem*. Esse mito — como todos os mitos — em vez de fator de humanização, é muitas vezes fator de extravio e dilaceramento interior. Signo de incompletude, em vez de trampolim para a realização.

Creemos ser possível divisar uma tal problemática na trajetória poética de Heitor Saldanha. O culto feroz da solidão, o orgulho do vate ferido pelo destino, a ânsia de captar o mistério das coisas. E mais a morte, com o seu mistério-limite, o amor inexistido, a vida frustrada... Tudo isso, como sabemos, pertence ao repertório romântico — mas constitui também um temário onipresente em todas as poéticas.

A poesia de Heitor Saldanha é marcada por um movimento de dispersão ou desagregação, onde

naufrajam as esperanças e a própria vida perde qualquer sentido. O poeta constrói em torno de si um verdadeiro muro. Isola-se. Até ele não chegam vozes, mas ruídos, ecos, melancolias: é a significação das coisas e dos seres que se perde nesse trajeto — como se ele fosse cego e surdo, e tentasse reconstruir, pela lembrança, o mundo vivo que o cerca, e a vida



que parou de fluir. De tudo resulta uma poesia em que o poeta é amputado do seu mundo, e fica sem ação, incapaz de percorrer os caminhos que, no entanto, tem diante de si. Caminhos inviáveis.

Como observamos em artigo anterior<sup>1</sup>, “a poesia de Heitor Saldanha é, sobretudo, a poesia de

um combatente. E a luta que ele sustenta é com o infinito, com o ilimitado da sua própria ânsia. Por vezes, ainda nos poemas de mais puro lirismo, o poeta dialoga com as sombras. O acento dramático transparece sempre e dá à sua voz inflexões metálicas. Ecos surdos ribombam nos seus versos, ecos surdos e roucos, como numa tempestade que se avizinha. E a tempestade termina chegando. Encurralado no seu próprio sonho, o poeta tropeça, se arrasta de bruços, mas não cede: ergue o punho cerrado e lança para o céu imprecações convulsivas. Mas em pleno paroxismo dos elementos desencadeados ele alcança, bruscamente, o apaziguamento interior. À tempestade sucede então a calma. Como no quinto movimento da Pastoral, a natureza renasce dentro dele, e ei-lo que saúda no seu canto a ressurreição da vida. Um sentimento de plenitude o invade: o poeta quebrou os seus grilhões, reconciliou-se com o destino. Já não dialoga mais com as sombras. Creio ser este o movimento, ou o processo dialético fundamental do seu impulso lírico.<sup>2</sup>”

A profissão de fé do poeta está em *As Galerias Escuras*, segunda parte de *Nuvem e Subsolo* (1969). É lá que ele promete:

*“Enquanto houver injustiçadas*



na terra, não rezarei.  
Depois, também não rezarei.  
Esta é a minha devoção:  
abrir caminhos de luz  
para encontrar meus irmãos”.

no final do poema “Assim prefiro<sup>3</sup>”. Seus irmãos são os mineiros da mina de carvão, e esta é a fase melhor da sua poesia. Veja-se a simplicidade desses versos, simplicidade que ele iria perder nas experiências vanguardistas de sua produção posterior, com o emprego do espaço gráfico em branco, o uso vertical de fonemas, a fusão e a fragmentação de vocábulos. Saldanha é um simples, um primitivo: daí teria de vir a sua força, uma força feita de afirmação e palavras claras, ousadas. Mas o canto solidário tinha os seus dias contados. Os poemas de *As Galerias Escuras* apareceram com a data de 1953 e evocam *Minas dos Ratos*, região carbonífera do Rio Grande do Sul.

No *Canto abrangente*, do mesmo livro, ele fala em um canto conjunto com os mineiros, um canto revolucionário:

“De Severiano nos chegou notícia,  
uma notícia que perturba o sono  
dos que sonhando com jardins privados  
não esperavam despertar sentindo  
punhos cerrados a golpear as portas.  
Porta cediça, cederá ao impulso  
do elemento que da luta veio  
criou raízes e cansou da espera.  
Cantaremos!”

(...)  
O horizonte concentrou-se rubro  
e dos escombros vai nascer a aurora,  
Cantaremos!”

Então, o poeta podia dizer que

“...há esperança indiscutivelmente”.

E completava o seu *Canto abrangente 2*, afirmando:

“Assim se pode abraçar  
sem o covarde remorso de trair.”

Mas já em *A Nuvem e a esfera* — primeira parte de *Nuvem e Subsolo* — vemo-lo queixar-se do “vazio completo” em que se abismou e das “perdidas esperanças:”

“Sou mais remorso que um homem.”

Compare-se com o verso final de *A Espera*, de *A Outra Viagem*:

“sou mais um susto um lamento que um homem.”

do qual aquele outro fim de poema é um mero decalque, e sem maior originalidade expressiva. Como de resto todo o *Momento*, que ele encerra. É que entre um e outro poema houve um longo percurso — uma caminhada para trás, de quem não vai ao encontro de si mesmo, dos outros, mas tem diante de si a própria impossibilidade de ser.

Compare-se ainda a semente “para as rosas de fogo de amanhã”, “uma semente rubra e imperecível”, da fase da poesia social, em que “a semente se transforma em canto” — o *Canto abrangente* de *As Galerias Escuras* — com a visão desconsolada da fase posterior, em que essa imagem é substituída pela morte irremediável.



\* Juiz de Alçada/RS, aposentado.

1. “Os Poetas do Quixote”. *SL de O Estado de São Paulo*, 22/12/56.
2. Corresponde à dialética do claro-escuro, que mais recentemente foi objeto de uma dissertação de mestrado sobre a sua obra. Rosângela Benati, *A Poética do Claro/Escuro em Heitor Saldanha*. PUC, Porto Alegre, 1980, mimeo.
3. Saldanha, Heitor. *A Hora Evarista*. Editora Movimento/IEL, Porto Alegre, 1974. Livro que reúne a produção poética do autor. Capa e ilustração: Waldeni Elias.

## Amistad ou O Governo dos Tribunais

Luiz Lúcio Merg \*

*“Em 1839, os 53 africanos que estavam a bordo do navio negreiro espanhol **La Amistad**, a caminho da escravidão, revoltaram-se contra seus captores, mataram quase toda a tripulação e forçaram os sobreviventes a levá-los de volta à África. Os africanos, entretanto, acabaram sendo enganados pelos navegadores e, em vez de retornar a seus lares, foram dar na costa dos Estados Unidos, onde as autoridades locais os prenderam como assassinos. O caso polarizou o país, tornou-se causa célebre dos abolicionistas americanos e arrastou-se pelos tribunais até chegar à Suprema Corte, onde os africanos foram defendidos pelo ex-presidente John Quincy Adams.”*

**E**ste é o resumo do fato histórico que inspirou o filme *Amistad*, produzido e dirigido por Steven Spielberg, em 1997. A sinopse foi extraída de reportagem da revista *Set*, de março de 1998, escrita pelo crítico José Emílio Rondeau. Deve-se acrescentar que, detidos os negros revoltosos, passa a haver uma disputa judicial, envolvendo a Coroa espanhola (que exige a entrega dos africanos, para que sejam executados como assassinos), particulares que reclamam a “posse” da “carga” do malfadado navio e os abolicionistas, que almejam conseguir a volta dos aprisionados para seu lar, na África.

O autor do mencionado artigo, após colocar vários reparos à qualidade desta obra cinematográfica, encerra sua crônica assinalando que “essa nova produção apenas engrossa a interminável lista de filmes de tribunal”.

Realmente, os lances mais dramáticos do enredo têm como cenário as cortes americanas. Isto, porém, não transforma *Amistad* em “filme de tribunal”. O referido articulista, sem dúvida, exteriorizou uma impressão superficial e enganosa — coerente, entretanto, com o espírito da crônica, que era o de menosprezar o filme de Spielberg. Infelizmente, boa parte dos críticos não consegue admitir que um cineasta bem sucedido nas bilheterias possa, ao mesmo tempo, ser um gênio do cinema. Esquecem-se de Chaplin — uma inquestionável unanimidade — cujas obras, além de serem impecáveis, o tornaram milionário.

O que importa, porém, é divulgar-se que o espectador de *Amistad* certamente se deparará com uma película emocionante, na qual cintila uma constelação de alguns dos melhores talentos de Hollywood: Anthony Hopkins (como o ex-presidente John Q. Adams), Morgan Freeman (encarnando um ex-escravo que enriqueceu no comércio e patrocina a defesa dos africanos), Pete Postlewaite (como o Promotor do caso), Matthey McConaughey (novamente, aqui, vivendo um advogado, como já o fizera no excelente *Tempo de Matar*) e Nigel Hawthorne (que protagonizou *As Loucuras do Rei George*, aqui representando a figura do então Presidente dos EUA, Martin Van Buren).

Embora se deva repelir a classificação de *Amistad* como mero “filme de tribunal”, é justamente a demanda judicial em torno dos africanos que motiva uma cena que,

para nós, do Judiciário brasileiro, se torna especialmente memorável, isto devido ao momento político-institucional que aqui vivemos. Neste aspecto, se este trabalho de Spielberg merecesse algum rótulo, seria o de *ode à soberania dos tribunais*.

Apesar de todas as adversidades, incluindo manobras desleais visando a uma decisão contra eles, os infelizes cativos do *Amistad* logram êxito, quando de seu julgamento em primeira instância — a decisão repele a pretensão da Coroa espanhola em reaver os africanos e determina que estes sejam reconduzidos à Serra Leoa (sua origem), às custas do governo americano.

O embaixador espanhol fica indignado com tal resultado, o qual significa uma desconsideração para com as pretensões de sua soberana (Rainha Isabel II, da Espanha, vivida por Anna Paquim, a oscarizada atriz infantil de “*O Piano*”). Conversando com o Presidente Van Buren, manifesta junto a este a perplexidade de seu governo diante de uma sentença que ia francamente de encontro aos interesses do supremo mandatário da nação ianque. O diplomata ibérico faz-lhe, então, lapidares ponderações:

*O que é mais desconcertante para Sua Majestade é a independência arrogante dos tribunais americanos. Se não se pode governar os tribunais, não se pode governar!*

Ao que Van Buren, de imediato, replica:

*Senhor, qualquer americano pode lhe dizer que essa independência é o que nos mantém livres!*

Apesar de tão magnífica resposta, o enredo mostra Van Buren envidando esforços para condicionar uma sentença favorável à Espanha: fez com que o primeiro juiz do caso fosse substituído por outro mais “confiável”, promovendo, concomitantemente, a dispensa do júri, para que o julgamento fosse monocrático; não obtendo êxito, ante a primeira decisão no caso, fez com que a Promotoria levasse a causa até a Suprema Corte, na qual, sendo formada a maioria por donos de escravos, dava como certa a condenação dos africanos. Assim agiu, porque, envolvido na campanha por sua reeleição, não queria desagradar os escravocratas sulistas.

É perante a Suprema Corte que a película atinge seu clímax, exatamente durante a sustentação oral feita por John Quincy Adams. Ao que parece, neste ponto, o roteiro teria sacrificado a exatidão histórica, em favor da dramaticidade: o ex-presidente americano não teria chegado a atuar pessoalmente naquela sessão, embora tenha efetivamente auxiliado na defesa dos prisioneiros. Todavia essa seqüência do filme nos proporciona uma bela digressão sobre os valores democráticos, em especial sobre o equilíbrio entre os Poderes do Estado. Adams chega a fazer comentários ácidos sobre os tribunais de Espanha. Segundo ele, a Coroa espanhola, absurdamente, parecia acreditar que os Pretórios americanos se assemelhavam às suas Cortes de Justiça, que eram manipuladas como brinquedos por sua jovem Rainha.

E, agora, acomete-me a idéia: não seria interessante exibir esta película para nossos congressistas, especialmente para aqueles mais entusiasmados em proceder a uma devassa no Judiciário

nacional ou que estejam iludidos pela crença na necessidade de *pôr freio* nos juízes brasileiros? Todavia, é preciso admitir que, para aprender uma lição, é necessário que o aluno, além de um mínimo de inteligência, nela tenha verdadeiro interesse...

Penso, ainda, não ser um despropósito afirmar que as passagens do filme aqui destacadas credenciam esta obra de Spielberg como peça didática a ser exibida ao público brasileiro. Isto para mostrar como os EUA, que tanto tentamos imitar ou tomar como exemplo ou norte ideológico, encaram com seriedade a soberania do seu Judiciário, considerando-o fator essencial para a garantia dos direitos do cidadão.

O cidadão comum brasileiro tem noção da importância de um Poder Judiciário realmente independente? Tem ele consciência de que somente com Tribunais livres os seus direitos podem encontrar guarida, em face de qualquer ameaça? Esta espécie de conhecimento só é adquirida por meio da educação. E é sobre a importância deste direito fundamental, componente indissociável da cidadania, que me permito transcrever, aqui, um trecho do grande escritor inglês H. G. Wells, em sua clássica obra *História Universal*, embora correndo o risco de divagar e extrapolar do tema que motivou este trabalho. Faço-o, porém, por estar convicto do valor e da atualidade de tais palavras, embora tenham sido escritas há mais de 60 anos:

*É na realização prática da idéia de que a educação é uma função coletiva e pública e não um negócio privado, que se encontra a distinção essencial entre o “estado moderno” e qualquer outro dos seus predecessores. O cidadão moderno, os*

*homens começam afinal a compreendê-lo, deve ser primeiro informado e depois consultado. Antes de poder votar deve ouvir o processo e as provas; antes de decidir, deve saber. Não é abrindo seções eleitorais, mas fundando escolas e tornando a literatura e o saber e as notícias universalmente acessíveis, que se abre o caminho que nos há de levar da servidão e da confusão para o estado voluntário e cooperativo que é o ideal moderno. O voto em si mesmo é coisa sem valor. Os homens já o tinham na Itália ao tempo dos Grachos. E de nada lhes valeu. Enquanto se mantém o homem sem educação, o direito ao voto é algo de inútil e perigoso.*

*A comunidade ideal para que nos vamos encaminhando não é simplesmente uma comunidade de vontade, é uma comunidade de saber e de vontade em via de substituir uma comunidade de fé e obediência. A educação é a força adaptadora que tornará o espírito nômade de liberdade e autoconfiança compatível com a cooperação e a riqueza e a segurança da civilização.*

E, acrescento eu, por meio da educação e do esclarecimento é que algum dia qualquer brasileiro poderá e saberá dizer — como o faziam os americanos já em meados do século XIX — ser a independência de seus juízes o que mantém a sua liberdade.

\* Desembargador /RS

## Depois dos amigos mortos

Afif Simões Neto \*

**N**ão me tenho como sou nestas insônias veraneiras. Fragmentos de lembranças e rostos fraternos navegam pelos caudais da memória, quando morrem os amigos. São peregrinas evocações em desalinho, invadindo madrugadas e madrugadas já extintas, num comício dolorido de afeições. Cada passagem reflete hoje uma seqüência de sorrisos já difusos. E não ficará muito além, por entre os dias que virão, do que repassar idos convívios, pois são também por eles que se prossegue, carregando-se no olhar, na mímica, no gesto, o resumo de cada um daqueles tradutores de sonhos que andaram por aqui faz pouco.

Explicar a morte, através das várias expressões filosóficas que circundam o fato material, não resolve muita coisa, quando a gente começa a sentir a ausência perene de quem se gosta. A ressurreição, a reencarnação ou qualquer outro tipo de presságio do que possa existir, depois do ressoar das cavatinas, são modelos até compreensíveis de consolo, mas que naufragam diante da partida dos amigos. Essa dor é algo quase insuportável, só não deslizando uniforme pela certeza de nos ligarmos a eles por uma estima desritualizada, pela afeição sincera meio sem forma de torná-la viva.

Que dizer daqueles que se foram cedo, logo após uma infância vulgar? Todo o pranto deste cenário não é algo natural, pois ainda existem finais imprevisíveis. Por que, então, *ser conformado, se avançamos para a morte como para a boca de um réptil?*

Isto basta para que não venham com motivos para se querer justificar a vida, depois que morrem os amigos.

\* Juiz de Direito — Pelotas/RS

## É tarde, é muito tarde

Fernando Rosa Grassi \*

**N**o bar, apenas cinco bebiam silenciosos e solitários. Absortos, olhando vagamente um misterioso e indefinido ponto no infinito do tempo. Somente Eydie Gorme, com sua Guitarra Romana, quebrava o imobilismo das coisas. Não a vi chegar. Subira a escada pisando macio, como era seu jeito. De repente, surgiu aquele vulto de um passado morto. Ali estava aquela bela mulher, vinda de uma época já envolta em brumas.

Sentou-se sem dar chance à surpresa. Falou de um tempo perdido. Senti que sua voz ainda conservava um timbre de esperança. Afinal, perguntou:

— E tu, desapareceste, o que tens?

— A indagação não está correta, respondi. Certo seria: “O que sentes?” O ter só caberia com uma difícil conotação existencial. Faz pouco, escrevi que era preciso sair deste labirinto e subir, subir. Ficar no ponto mais alto, olhar o vale. Ver o rio e além do rio, apesar de ter o olhar turvado pela saudade. Agora, quando vou ao alto, ouço um silêncio que apavora, sinto frio e uma tristeza glacial. Só vejo limites, barreiras, não consigo divisar horizontes. Nada segue em frente. Meus caminhos e atalhos se esgotaram. Minhas trilhas sumiram. Uma espessa, áspera e escura névoa impede a caminhada. Só há o vazio, o nada. Mas, penso, se a eternidade existir, eu tenho tempo. Engano, sofisma. Posso ter a eternidade, mas não tenho tempo. Quando tinha tempo, podia perseguir, saudoso, um sonho, anos e anos, pelo simples e encantador prazer de sonhar, embora o sabendo irrealizável. Hoje, não posso, porque a saudade perdeu sua mágica. Tenho dito e repetido que minha agenda não mais registra sonhos. Meu livro, minhas viagens, meu piano... Quanta coisa ficou! Faz pouco, tinha um lenitivo para os dias em que a angústia chegava e eu me tornava prisioneiro de funda depressão. À noite, colocava os fones e, só, com a música dentro de mim, aquecido pela bebida, o nevoeiro se dissipava e eu sentia novamente o calor do sol, a vida e via tudo o que existe além do rio. Agora, nem tento a terapia, porque tenho a inapelável certeza de que não vai trazer-me paz. A saudade, sem sua magia, seu sonho, é triste. Deixa-me gelado, em plena solidão. Faz chorar. Continuarei com o vazio, com o nada. Com a eternidade, talvez, mas sem tempo. Porque é tarde, é muito tarde.

Uma voz qualquer cantava *Um Céu de Estrelas Tristes*.

\* Juiz de Direito/RS, aposentado.

## Um riacho dentro do peito

Fábio Heerdt \*

**E** stava sentado, mateando, despreocupado de toda aquela inteireza que era ali a minha vida e aquele riacho que corre nos fundos do casebre que me dá morar. Estava ali sentado, acororado, aguardando ainda uma vez; a voz veio então rasgando as tripas e restou por explodir fora do meu estado interior. Não, mas a voz não veio, era tão-só o desejo funesto de esquecer que não vinha traíra, não pulava, ao menos, e o sol já posto! Os tachos vazios, a barriga acho já oca. Às vezes, imaginava até assar o cachorro: suas carnes, as costelas, seriam boa visão, rodando com os espetos talhados de um qualquer maricá. Não havia o mínimo entrave, já que os vermes morriam com o guaipeca, na fogueira.

E então eu voltei, seguindo pela trilha que supunha a bem certa, mas não havia nada de certeza, mas eu parado, e a fome corroendo? E eis que me vinha precisamente a outra voz, não minha, a de Cinira, beijando com doçura. E carinhava, me sentia assim quase manso... E mansidão, e placidez, e tanto assim que já me amolava, tinha ira. E me punha a xingá-la. Eh! Cadela sem-vergonha! E esbravejava, e inquiria, que, sim, queria saber onde tinha aprendido aquelas coisas, as bobices da mulherada?! E onde mais, senão com outro macho?

Ainda a dúvida. Tinha eu chegado, certa vez, do riacho. Numa ramada, na mão, um muçum, duas traíras, e já estava disposto a comer o muçum, doce, com farofa. Foi então quando cheguei e ainda não entestado com a preguiça de Cinira, mas aí contive o arroubo, me parei, me contei, contive os gestos, pus a dormir a euforia e o barulho, porque tudo se aclarava, se me revelasse o flagrante. Larguei ali mesmo, nos pés das laranjeiras, os peixes frescos, ainda se embochechando, por carência de ar. Fui cercando, me esgueirando, esfregado no sapê do casebre, contive a respiração, esperando a explosão, mas desisti de chegar à janela, que eu queria mesmo era ver tudo de frente, poderia até matar os desgraçados!! A puta véia ia tomar um laço de vara fina, por me botar par de chifres!

Foi aí, ouvindo o tac-tac desvergonhado da cama, que perdi a lisura e arrebentei os cadernos. Saí demolindo o

armário, ainda não vi os dois; o móvel foi ao chão, mas havia como que névoa, como que véu, espetando-me os olhos crispados, mas então vi: não havia sem-vergonhice. Era ela, somente ela, Cinira, embalando o canário na gaiola, o tac-tac era já menor... Mas não tinha quê de perdão, a atitude prosseguiu. Dei tanto nela, que hoje ainda, na hora em que dela me sirvo, na cama, quando firmo assim o olhar nas manchas, ela chora, é uma tristeza só. E já perco as vontades, já imagino que é uma trucagem bem dela para impedir que eu vá entrando.

Às vezes, olho a amplidão à frente da casa, sentado na cadeira velha de vime, pensando também nos meus véio, sentados na soleira da porta, mateando e banzeando a vida imensa, pitando o cigarro noturno.

Não sei Cinira, faz dias que não a vejo. Esses dias mesmo, veio aqui um sua irmã, que a vira lá pelos lados do Lixão, no banhado, catando resto. Não posso ter uma mulher assim, comedora de lixo.

Esqueci o pensamento, tirei Cinira da cachola, que já vinham também suas tetas e sua racha na mente. *Eh, devaneio!* Lembro bem quando veio aquele *dotô* para comprar o rancho, sentou ali naquela pedra, que ora me dá arrimo, sentou ali, é onde dorme o cachorro no inverno, pousou as mãos no rosto vermelho e entrou a dizer: *Eh, devaneio!* E desde então não me sai o desenho dessas letras da lembrança. E quando assim, na soleira estou, largando o pensamento pela noite da roça, espichando o verbo imaginado, eu penso na palavra, não vem a lembrança do *dotô*, mas só a palavra. Não é minha voz, não é a de Cinira e não é mesmo o *dotô*, que já está bem a milhas. Quando a figura se forma, e a palavra dança no ar, pondo a correr o cachorro, quando a noite quente no mato cheira assim, então, posso dizer, enfim, posso dizer que é a voz de Deus.

\* Juiz de Direito — Camaquã/RS

## Depois a gente vê

José Carlos Laitano \*

### Capítulo primeiro

Onde se conta que uma nova lei proíbe os menores de dezoito anos a freqüentar locais de jogos, shows, concursos de beleza e bailes, sem a devida companhia dos pais ou responsáveis.

Ainda.

Moços de 16 e 17 anos, emprego fixo e renda própria, morando sozinhos na cidade, não foram isentados da proibição.

Finaliza com a cena na qual policiais fazem uma *batida* na boate *Play's* e encontram menores bebendo cerveja e dançando com suas namoradas.

O salão é fechado e os jovens conduzidos à delegacia.

- Onde estão os seus pais?  
perguntou o comissário,  
fixando os olhos em Tragédia, o mais velho do grupo.  
Tragédia respondeu ser dono de si mesmo.

- Moro sozinho numa pensão, trabalho nove horas por dia e estudo à noite, por que não posso ir à boate?

O comissário avisou que assim é a lei e lei existe para ser cumprida.

- Amanhã o seu caso será examinado.

Disse, e saiu da delegacia,  
deixando um copo de leite e duas fatias de pão.

### Capítulo segundo

Tragédia comparece à sede do Clube Estudantil e relata o ocorrido. Outros alunos também narram suas experiências com a polícia. A indignação aumenta. Debates nas salas de aula.

A intervenção do Diretor da escola a favor da lei.

Greve-repúdio contra os atentados às liberdades do menor-trabalhador-estudante. Na segunda parte aparece o líder estudantil Zé Santos. Mostra a Constituição Brasileira. Final: comício-relâmpago em frente ao colégio, toda a Direção espiando atrás da cortina da janela, luz apagada.

- Está aqui, pessoal, tudo escrito. Menor com 16 anos pode votar, pode influir no Governo. Mas não pode ir à boate... Não é muito louco?

Discursos paralelos, gritos, risadas, assobios. Zé Santos quase desistiu de continuar, a platéia emocionada.

Uma voz começou a ser notada pouco a pouco, em meio ao público, sempre o mesmo refrão:

- O meu voto elege vereador... o meu voto elege vereador...

Uma garota entendeu a mensagem e aderiu:

- O meu também... O meu também...

O coro engrossou.

Alguém gritou:

- O meu voto elege Zé Santos.

### Capítulo terceiro

Reunião no sindicato dos trabalhadores. Zé Santos expõe o seu plano: com 500 votos se elege um vereador. Dez grupos de quinhentos elegem a Câmara e até o Prefeito.

Mais adiante é contado como todos se organizam nas diversas cidades do Estado.

Na conclusão, Zé Santos recebe a visita de Luiz Henriques, presidente da Associação do Vão Livre do Rio de Janeiro, que pretende divulgar a idéia.

- O plano é este: lista de trabalhadores e estudantes com 16 anos ou mais, conscientização em grupos de 500 e indicação de um nome em cada núcleo: com 18 anos alguém da turma pode se candidatar. Com cinco vereadores tomamos conta da cidade.

- Elegemos pelo menos quatro vereadores em cada cidade. Qualquer partido. Depois assumimos os diretórios, na primeira convenção.

Ao terminar a noite Luiz Henriques mostrou-se radiante: no Rio, a zona sul elegerá no mínimo três vereadores; a zona norte, quatro; a Rocinha, meu Deus, sabe-se lá quantos!

Ao secar o último copo de chope, Luis Henriques, olhos embaçados, brincou:

- Quem faz vereador, faz deputado...

### Capítulo quarto

Delineado o processo de arregimentação dos Grupos Quinhentos em todo o país.

A Rede B de Televisão oferece espaço em busca de audiência. Programas nacionais. Imprensa dividida.

A Direita radicaliza: os bons costumes e os valores tradicionais estão em perigo. É preciso salvar a pátria.

A grande pergunta: o boi poderá ser afetado pela onda jovem?

- Jovem come carne? Então qual é o problema?

- Recusá-los? Imagina! Perder um contingente eleitoral desses?

- Os jovens são flexíveis, depois a gente acomoda a situação...

- O importante é a legenda!

### Capítulo quinto

Em curtos e sucessivos *flash-backs* são mostradas diversas situações desfavoráveis aos jovens. Além das proibições que todos conhecem, sobram as imposições: serviço militar obrigatório, som em baixo volume. Início da apuração das eleições parlamentares. Clichê: o país está com a respiração em suspenso.

- Rede B de Televisão, a emissora do Poder Jovem. Milhões de brasileiros saíram de casa no dia de hoje com a certeza que o Brasil vai mudar.
- Uma onda avassaladora varreu o país, o povo deu voto de esperança em candidatos de cuca fresca, destemidos e sem compromissos com as velhas oligarquias.
- Vereadores e deputados serão eleitos e quando todas as urnas estiverem abertas saberemos a idade do Brasil.
- Cinquenta e três por cento dos candidatos têm idade inferior a 23 anos. Estima-se que sessenta e sete por cento dos vereadores brasileiros terão a idade média de 22 anos.
- Os rumos que a Nação irá tomar ninguém sabe. Uma coisa por enquanto é certa: no boi não se falou.

### Capítulo sexto

Sessenta e oito por cento das cadeiras da Câmara dos Deputados são ocupadas por jovens.

O Autor procura descrever as modificações: tênis e coca-cola; sessões com início às 23 horas; lanche: fritas e guaraná; moto chapa-preta e jipão para os dias de chuva; roque em som ambiente, etc.

De como é usado um truque para enumerar os tipos de leis que resultam em repressão ao povo e privilégios aos abonados, sem perda do tom literário.

Votação histórica, por aclamação, onde é aprovada uma única lei.

Discurso do Presidente do Congresso Nacional.

Das galerias foram jogadas rosas e flores do campo, os mais audazes pularam para o recinto reservado aos deputados, a guarda dando força. Abraços, risos, choros, tudo alegria. O Presidente da Câmara, 23 anos, discursou ao microfone, o som em volume máximo. A zorra era tão grande que poucos escutaram o orador e apenas uma ou outra fala sobressaía: legal, mixou, nada a ver. Mas todos ouviram, claramente, suas últimas palavras: é proibido proibir, revogadas as leis em contrário.

Os tios que compareceram à sessão saíram mais cedo, as mãos

tampando os ouvidos: senadores e deputados com mais de trinta e cinco, quarenta...

Os jovens parlamentares, encerrado o discurso, saíram ao mesmo tempo e sentaram no gramado em frente ao Congresso, olhos voltados para o edifício. Próximos às conchas, os principais artistas nacionais deram o tom para o trio elétrico: samba e roque.

Mas, antes, todos acompanharam o Hino Nacional na base do assobio e do paparáápa, paparáápa... a letra, nem o Tragédia sabia.

**\* Escritor e Juiz de Direito/RS, aposentado.**  
[www.geocities.com/athens/oracle/3541](http://www.geocities.com/athens/oracle/3541)  
 e-mail: [joselaitano@pro.via-rs.com.br](mailto:joselaitano@pro.via-rs.com.br)

#### Livros publicados:

*Minha Mulher Chamava-se Jarbas*, contos, 1989, Movimento.  
*Crônica da Paixão Inútil*, romance, 1992, Movimento.  
*Jogo do Passa-Conto*, romance, 1995, Italiana.  
*Bianca di Morano*, romance, 1999, Movimento.

#### Em antologia:

*Contos de Oficina 3* (participação) 1989, Acadêmica.

#### Em edição limitada, promocional:

*P da Cara*, teatro político, 1998.  
*Crônica da Paixão Inútil*, teatro, 1999.

## Boa memória

Oswaldo Moacir Alvarez \*

**U**ma das vaidades do meu amigo Souza (com z e não s, como ele sempre reclama) tem sido a sua boa memória e, principalmente, o fato de não esquecer rostos.

Assim, ia ele caminhando pela Rua da Praia quando viu algo familiar. Jogando damas, na Praça da Alfândega, estava seu velho conhecido, o doutor Carvalho. Notava-se que o doutor estava mesmo aposentado: deixara crescer uma barba rala, estava só de camisa e demonstrava uma comunicabilidade que, em sua profissão, nunca existira, de sua parte.

Souza devia muitos favores ao doutor Carvalho, como era conhecido o médico.

Assim, foi se aproximando, sorriso nos lábios, todo faceiro, para surpreender o amigo. Chegando afoito, Souza deu-lhe um abraço desajeitado e foi logo dizendo:

— Como vai o amigão? E a família? Todos com saúde?

O outro sorriu amarelo. A jogada no tabuleiro era sua, o lance estava mentalizado e aquele cara vinha perturbá-lo.

— Todos bem, graças a Deus, respondeu o doutor Carvalho.

Vai ver que os colegas não sabem que ele é médico, pensou, rapidamente, Souza, logo indagando:

— Aposentado? Jogando damas a essa hora? E a criançada? Todos crescidos? Faz um bocado de tempo que a gente não se encontra! Uns dez anos?

— É, tudo bem... Mas, não estou ainda aposentado.

A atitude do doutor Carvalho chocou. Nunca fora tão distante, frio mesmo. Acabrunhado, Souza decidiu ir embora. Meio sem jeito avisou:

— Bem, vou caminhando. Até logo, disse o Souza, estendendo o braço, para o aperto de mão.

O doutor Carvalho nunca fora de muitas conversas, mas agora, exagerara. Para curar a decepção, Souza foi engraxar os sapatos, perto dali mesmo, na Praça da Alfândega, a poucos passos dos aposentados, jogadores de damas.

Dali, tinha uma visão perfeita do doutor Carvalho, que gesticulava muito e ria a valer.

Souza não se conteve e perguntou ao engraxate:

— Conhece aquele senhor (apontou para o grupo), pouca barba, camisa branca com manga arregaçada?

— Claro, respondeu o engraxate. É o Gustavão, dono de táxi.

Souza estremeceu. Cumprimentara o cara errado. Não era o doutor Carvalho...

Pagou a graxa e saiu encolhido, totalmente envergonhado pelo vexame...

\* Juiz TRF da 4ª Região, aposentado.



## Formigas e abelhas

Maria Joaquina Carbunck Schissi \*

**F**oi marrom  
a noite miserável  
em que velei o homem que amava.

Era a cor da roupa que eu vestia,  
encolhida de frio e de dor.

A expressão de seu rosto era natural  
e esboçava um leve sorriso,  
quando levantei o lenço que o cobria.

Passei quase toda a noite em pé,  
ao lado do caixão,  
acariciando seus cabelos e sua barba,  
que não ficaram gelados.

Diversas vezes eu me afastava um pouco,  
e ficava olhando o perfil do rosto dele,  
que sobressaía do caixão.

Fazia isso de propósito,  
para me convencer  
que era mesmo ele dentro de um caixão,  
que era ele dentro de um caixão,  
era ele dentro de um caixão.

Era ele, era ele,  
o homem que eu amava e amava,  
com a intensidade e a tenacidade  
das formigas,  
das abelhas,  
que vão,  
que voam,  
que carregam,  
que tropeçam,  
que retornam,  
que refazem,  
que constroem  
e reconstroem  
e transformam flores em mel.

\* Juíza do Trabalho — Canoas/RS

## Panorama

Irineu Mariani \*

**P**or vezes,  
nos confundimos na mesma dor,  
e então nos encontramos.  
Como se o hoje pudesse trazer o ontem que vivemos,  
o imenso amor que nos demos,  
insistimos contra o passar do tempo,  
que parece nos separar cada vez mais.  
Mas, neste momento,  
que faço de você o meu poema,  
enquanto faço do seu corpo o meu poema,  
sorvo ansioso uma aragem de existência.  
É um raio de sol que penetra e ilumina  
a minha sala escura.  
Estou vivo,  
pulsando vida que se esparrama pelo horizonte!  
Vida que se harmoniza e se dissolve

/no vale quente de luz,

onde ovelhas parecem gafanhotos brancos.  
Parece que vivemos um tempo sem tempo,  
um dia sem época,  
a espreitar o sol fixo e forte,  
como se o momento pressionasse a paisagem.  
Não existem sensações,  
só emoções.  
Não há mais nenhuma dor,  
e então nos separamos.  
E os sinos param de tanger o ar,  
E a tarde se põe com nostalgia,  
E a noite me faz olhar as estrelas,  
E as estrelas levam-me às alturas,  
E me devolvem a certeza de que em nossos lábios  
ainda há, pelo menos, ensaios de ternura.

\* Desembargador/RS

## Quando me olhas

Marise Moreira Bortowski \*

Quando me olhas e nada  
E tudo dizes  
Quando me olhas e tocas  
E meu coração penetras  
Quando me olhas e sinto  
Como me sentes  
Quando me olhas e brilhas  
Os teus olhos nos meus  
Quando me olhas e, em silêncio,  
Me falas  
Quando me olhas e tudo me pedes  
Sem nada dizeres  
Quando me olhas e contas  
Teus segredos e estórias  
Quando me olhas...  
A minha alma se agita  
O meu peito transborda  
Só porque me olhas...

\* Juíza Pretora — Esteio/RS

## Amor e poesia

José Nedel \*

### PESAR

Sem ti a vida é um profundo  
Pesar — um pesar sem fim.  
Dize: “não te amo” — e o mundo  
Desmorona para mim.

### POESIA

Ensina-me, Senhor, o que é poesia.  
— Misteriosa e profunda como o mar,  
É um sopro, uma nostálgica harmonia  
Que vibra na alma de quem sabe amar.

### SEIXOS

Quem fita os seixos ásperos da estrada  
Vê-lhes sentido, se olha com amor.  
Se estas pedrinhas não valessem nada,  
Nem as estrelas não teriam valor.

### DOMDE SI

Quem faz da vida um dom aos seus irmãos  
Também se lucra inteiro para si.  
Sempre que procurei egoísmos vãos,  
Em vez de me ganhar, eu me perdi.

\* Juiz de Direito/RS, aposentado

#### Livros publicados:

*Crítica da razão popular.* Aparecida/SP: Santuário, 1990.

*Em defesa da vida (co-autoria).* POA/RS: IDC, 1994.

*Maquiavel: concepção antropológica e ética.*

POA/RS: EDIPUCRS, 1996.

*Ética, direito e justiça.* POA/RS: DIPUCRS, 1998.

## Liberdade

Manoel Celeste dos Santos \*

**N**ão me impus meu nascimento  
Nem meus pais, nem meu nome  
Não me determinei uma nutriz ou uma loba  
Nem cogitei de me chamar Rômulo ou Remo  
Não contratei um técnico para me criar  
Não me impus mestres que tudo me ensinassem  
Não me obriguei a ser uma criança linda ou um adolescente tatuado  
Não me predestinei a ser um adulto voraz  
Não me apropriei para ter um caráter ou temperamento  
Minha personalidade fluiu de um código genético ou de ambientes  
Mais ou menos de uns do que de outros  
O físico também não foi de minha elaboração  
Até o metafísico me era muito estranho  
Os metabolismos, os sonhos, a sorte  
Tudo era natural  
Duvidei que minhas paixões fossem por mim pré-concebidas  
Tudo parecia muito real para ser verdadeiro  
Não fabriquei meus caminhos, vieram tão sutis  
Não me forcei meus resultados, eles surgiram  
Parece que indiquei meus filhos, lutas, batalhas ingentes  
Afigura-se-me que ainda venha a compreender  
O que continua a ser insondável mistério  
Compreender que minha liberdade era para não saber além  
Da essência, de ânsias, de limites  
Não me forcei a ter dores ou tristezas  
Tristezas profundas e instintivas  
Nem emoções ou sentimentos  
Eles me foram empurrados por situações quantas  
Em flutuações reais ou extradimensionais  
Nada sei de minhas densas madrugadas ou de meu breve ocaso  
A dimensão, o vazio, a dúvida e o limite provam o que quero saber  
E que adianta saber, se não há liberdade para influir  
Não me impus o viver, o não saber, nem o morrer  
Tudo veio pronto e definido  
Diante da mais plena espontaneidade  
Não me impus nada, tudo me foi imposto sem chamada

\* *Desembargador/RS, aposentado.*

## Vagueando, ondeando...

Jane Fischmann \*

**M**edito, troco, contrario, escuto — às vezes...  
 Meus fantasmas, tristes, solidários, irônicos,  
 sugam-me energia

Ouçõ teus passos... traidora, mando-os embora,  
 zombando de suas companhias

Troco-os por teus lábios, calor, fantasias  
 aí fico, vagueando, ondeando...

Aprendiz de estelionatário sedutor, mentiras mal ensaiadas  
 Mercadoria esgotada, compro todo o estoque  
 Esmera-te na vinda, na busca de reposição  
 Não percebes o porquê da rapidez da venda  
 O enganador — enganado, sugado, trespassado,  
 do avesso virado...  
 eu invasora, ondeando, vagueando...

Meteoritos humanos, combustível precioso  
 A cada abastecer, a máquina mais poderosa  
 Oásis com poço único de carícias  
 Cortando o tempo, zombando do medo  
 O deserto da memória, crescendo, crescendo  
 Me chamas, ensaio o prazer de ficar te esperando  
 Vagueando, ondeando...

O mapa do caminho, de desencontros preparados  
 Os gestos estudados, ousando violar o pergaminho da lembrança  
 A porta abrindo-se, deixando entrar a luz do passado,  
 Atravessando a contagem dos séculos, da razão...  
 Cruzando o tempo, zombando dos mortais, prepara-te!  
 Vim te buscar, ondeando, vagueando...

\* Juíza Pretora — Cachoeirinha/RS

## Dois tempos

Ítalo Pagano Cauduro Júnior \*

**A**s batidas do relógio despedem as velhas horas.

Tênue claridade macula a escuridão do quarto.  
 Pouco sono, algumas lembranças.  
 A viola espreguiçada a um canto furta instantes de realidade.  
 Lembra antigos passos.  
 Fatigadas emoções arquivadas na memória.  
 Fragmentos do passado que se espalham sobre o papel.  
 Momentos escorregadios de outras madrugadas.  
 Umás coisas boas... outras tantas à-toa.  
 Caminhos tortuosos repletos de gestos e palavras.  
 Degraus empoeirados, já galgados, de uma existência.  
 Clamores indecifráveis que o vento de às vezes às vezes traz.  
 São nossos dias de ontem surrupiados pela vida.  
 Sedutora criatura que a muitos conquista, mas a poucos conforta.  
 Por fim, rumamos ao desconhecido,  
 mesmo assim, volvemos o olhar, tornamos ao velho filme.

Saímo-nos bem ou mal?  
 Que importa, todos já se foram.  
 Verifica ao redor... quem sabe restou um espectador.

As batidas do relógio saúdam as novas horas.

É tempo. Descobre teus olhos e devolve a viola ao nostálgico espaço.  
 Aligeira-te e flerta mais esta vez com a vida.

Soa o relógio, despede as velhas horas, corteja as novas horas.

\* *Juiz de Direito — Porto Alegre/RS*

## A busca do tempo anterior

### *Canto II: Agitato, speranzoso*

Ilton Carlos Dellandréa \*

**A** tropelam minha cabeça pesadelos  
revoltos como pássaros confusos.  
Desaninhados.

Nada sei de ti, que amei sempre  
num silêncio agitado e inquieto,  
num refolho cardíaco  
que nem a fibrilação espanta...

Nada faço senão esperar,  
cultivando a saudade de alguém que foi embora  
mas de mim jamais saiu.

Mas vou te encontrar um dia  
— eu prometo! —  
e abraçar-te, quieto,  
suavemente aconchegar-te,  
aconchegar-me:  
seremos duas almas serenas,  
silenciosas,  
relembrando vidas passadas.

Será que algum dia existimos?  
Ou fomos sombras sem figura que passamos?

Espantallo dos pássaros furiosos,  
voltarei a vigiar, depois,  
reconfortado,  
a saudade de um abraço eterno  
que eu guardei para ti  
por trinta séculos.

\* *Desembargador/RS*  
*dellan@ez-poa.com.br*



VASCO PRADO NO ATELIER — FOTO MATHIAS CRAMER — MENÇÃO HONROSA NO CONCURSO  
“HISTÓRIAS DO TRABALHO” - 1998, DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE PORTO ALEGRE

## Milonga para Vasco Prado

Luiz Coronel

O verde pampa estendido  
eu o tenho, bem guardado.  
Cavalos de ferro e bronze  
em meus dedos são forjados.

Se alimenta de sonhos  
esta tropa sem repouso.  
Domei a pedra e o metal  
qual domador paciente.

Os meus cavalos sem rédeas  
disparam na imensidão  
com cavaleiros levando  
o sol nascente nas mãos.

Do turvo silêncio do ferro  
soltei a fúria dos touros.  
Moldei na argila mulheres  
rotundas. E sem decoro.

Não esculpi a tristeza  
pois sigo a estrela distante.  
Galopa entre o céu e a terra  
um Negrinho Triunfante.

O pampa me fez mais claro.  
Muito aprendi com as árvores.  
Acaricieei as mulheres  
na pele macia do mármore.

Embora eu me torne cinzas  
não me disperso no vento.  
Em praças, parques, jardins  
contemplo a face do tempo.



## O Pequeno Nadador

Carlos Saldanha Legendre\*

É ra tão belo o filho (porque filho)  
desde o nascer, quando o entronara ao peito.  
Implume e frágil se esbatera ao leito,  
ó pássaro de brisas e junquinhos!

Talvez não fosse igual a outros filhos  
porque só de esperanças fora feito.  
Buscara o mar e o abismo de tal jeito,  
mais parecia peixe com seus brilhos.

Mas era só humano e a luz tão pouca  
ao fundo d'água... Deus, que força a fez  
arrancá-lo do vórtice? Sem roupa,

trazendo-o contra o colo, em ânsia louca,  
como o gerando por segunda vez,  
a mãe lhe sopra vida pela boca.

\* *Desembargador/RS*

*Livros publicados:*  
*Canto ao Mar de Piriápolis. Ed. Rogilma, 1962 (1ª ed.) - Ed. Cultura Contemporânea, 1998 (2ª ed.).*  
*Inventário do Canto. Ed. Cultura Contemporânea, 1971.*  
*Antologia da Poesia Brasileira Contemporânea. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1986.*  
*Elegia à Lesma (em preparo).*